

Brasília, 13 de abril de 2026

Seleção

Sumário

Migalhas

Sábado, 11 de abril de 2026 | Marco regulatório | INPI

TJ/SP proíbe produtor de usar sementes com tecnologia patenteada 3

O Brazilianista

Sábado, 11 de abril de 2026 | Propriedade Intelectual

STJ confirma responsabilidade do Shopping 25 de Março por venda de produtos fal... 5

Época Negócios - Online

Sábado, 11 de abril de 2026 | Inovação

Farmacêuticas vão à China em busca de ideias inovadoras para medicamentos 6

O Globo Online

Domingo, 12 de abril de 2026 | Direitos Autorais

Ferramentas prometem identificar falsificações feitas por IA, mas elas realmente fun... 8

TJ/SP proíbe produtor de usar sementes com tecnologia patenteada



Produtor rural foi proibido de utilizar sementes de algodão com tecnologia patenteada. Assim decidiu, por unanimidade, a 1ª câmara Reservada de Direito Empresarial do TJ/SP, ao manter sentença que condenou o réu ao pagamento de indenização às empresas detentoras das patentes.

Segundo o relator, desembargador Azuma Nishi, ficou comprovada a utilização, sem autorização, de tecnologias como "WideStrike", "Glytol x Liberty-Link" e "TwinLink", desenvolvidas por empresas agrícolas e protegidas por patentes regularmente registradas no **INPI**.

STJ nega estender prazo de patente do princípio ativo do Ozempic

TJ/SP determinou que produtor pare de usar sementes de algodão com tecnologia patenteada. (Imagem: Mauro Zafalon/Folhapress)

Entenda o caso

A ação foi ajuizada por empresas de biotecnologia agrícola, que alegaram que lavouras exploradas pelo réu apresentavam características idênticas às obtidas por sementes geneticamente modificadas protegidas por patente.

Com base em laudos técnicos produzidos em diferentes safras e localidades, as autoras sustentaram que o produtor utilizava indevidamente essas tecnologias em suas propriedades.

A sentença reconheceu parcialmente os pedidos e determinou:

destruição das sementes contendo as tecnologias patenteadas;

cessação do cultivo, comercialização e distribuição de algodão com essas características;

pagamento de indenização por danos materiais, lucros cessantes e danos morais, a serem apurados em liquidação.

O produtor recorreu ao TJ/SP, alegando cerceamento de defesa, litispendência e impossibilidade de responsabilização por áreas atribuídas ao irmão falecido.

Preliminares e provas técnicas

Ao analisar a preliminar de cerceamento de defesa, o relator destacou que o julgamento antecipado foi legítimo, pois o conjunto probatório era suficiente para o deslinde da controvérsia.

O acórdão ressalta que a decisão se apoiou em múltiplos laudos periciais, produzidos tanto em ações de produção antecipada de provas quanto no próprio processo, com conclusões convergentes sobre a presença das tecnologias patenteadas nas lavouras.

Entre os elementos considerados, estão:

laudos relativos às safras 2016/2017 e 2017/2018, que identificaram uso integral da tecnologia "WideStrike" em diversas fazendas;

perícia judicial referente à safra 2021/2022, que constatou a presença de tecnologias como "WideStrike", "TwinLink" e "Glytol" em praticamente todas as áreas analisadas.

O colegiado também destacou que não houve impugnação técnica idônea ao laudo pericial homologado, o que reforça a confiabilidade da prova produzida.

Diante disso, concluiu-se que não havia necessidade de nova perícia nem reabertura da instrução.

O acórdão destaca que os laudos são "específicos e convergentes", produzidos em diferentes momentos e processos, o que afasta qualquer dúvida quanto à ocorrência da infração.

Litispendência parcial

O colegiado afastou a alegação de litispendência quanto às safras de 2016/2017 e 2017/2018.

Segundo o relator, embora existam outras ações envolvendo as partes, não houve identidade de objeto, pois os processos se basearam em provas distintas e envolveram fazendas diferentes.

A litispendência foi reconhecida apenas em relação à safra 2018/2019, como já decidido na sentença.

Responsabilidade do inventariante

No mérito, o réu sustentava que não poderia ser responsabilizado por áreas pertencentes ao irmão falecido.

O argumento, contudo, foi rejeitado. O relator ressaltou que, na condição de inventariante, o apelante é responsável pela administração do espólio, nos termos do art. 618, II, do CPC.

"Na condição de inventariante, incumbe ao apelante a administração dos bens do espólio, nos termos do art. 618, II, do CPC, o que atrai para si a responsabilidade pelos atos de exploração e gestão das áreas vinculadas ao falecido, não sendo possível afastar a condenação sob a justificativa de que o cultivo teria

sido realizado por terceiro."

Assim, mesmo que parte das lavouras estivesse vinculada ao falecido, a gestão e exploração das áreas recaem sobre o inventariante, que responde pelas consequências jurídicas decorrentes dessas atividades.

Ao final, com base no conjunto probatório, o TJ/SP concluiu que houve efetiva violação das patentes de invenção das autoras, relativas às tecnologias aplicadas às sementes de algodão.

Diante dos fundamentos, o colegiado manteve integralmente a sentença e majorou os honorários advocatícios de 10% para 15% sobre o valor da condenação.

Processo: 1073439-52.2022.8.26.0100

Veja o acórdão.

STJ confirma responsabilidade do Shopping 25 de Março por venda de produtos falsificados



A Segunda Seção do Superior Tribunal de Justiça (STJ) manteve a condenação do Shopping 25 de Março pela venda de produtos falsificados em suas dependências. A decisão foi proferida pela Terceira Turma da Corte.

Segundo o colegiado, o empreendimento é responsável por fiscalizar as mercadorias vendidas pelos lojistas que ocupam o espaço.

A Turma acompanhou o voto da relatora, ministra Nancy Andrighi, para quem a omissão no controle do que é comercializado no recinto caracteriza a responsabilidade solidária do organizador do espaço.

No julgamento, os ministros definiram que o modelo de negócio de shoppings centers não se limita à locação de espaços, envolvendo também a organização de um ecossistema comercial do qual auferir lucro.

A decisão pontua que a ciência da administração sobre a reiteração das práticas ilícitas nos boxes e lojas gera o dever de coibir tais atividades. Segundo o portal Migalhas, o processo foi movido por marcas detentoras de produtos que são falsificados e vendidos no centro de compras.

As empresas argumentaram que o centro comercial permitia a venda de réplicas e itens contrafeitos, o que configuraria prática de concorrência desleal e violação de marcas registradas. A manutenção da decisão do STJ também impôs o pagamento de indenização por danos morais e materiais a essas marcas.

Além das sanções financeiras, a decisão judicial obriga o shopping a adotar medidas para impedir a entrada e a permanência de produtos que infrinjam a legislação de **propriedade intelectual** em suas instalações.

Shopping 25 de Março

Localizado na região central de São Paulo, o Shopping 25 de Março é um dos principais polos de comércio popular do Brasil, atraindo diariamente milhares de consumidores e revendedores de todo o país.

No entanto, a trajetória do centro comercial é marcada por uma série de operações de fiscalização. São comuns ações da Receita Federal e das polícias Civil e Federal apreenderem toneladas de produtos sem nota fiscal ou falsificados.

Farmacêuticas vão à China em busca de ideias inovadoras para medicamentos



As empresas de biotecnologia chinesas são mais ágeis e têm custos mais baixos, e sua pesquisa farmacêutica ameaça em breve ultrapassar a do Ocidente

Encontrar maneiras inovadoras de tratar o câncer é a maior prioridade da Pfizer. Para impulsionar tecnologias de ponta, executivos da Pfizer foram a Shenyang, na China. Lá a Pfizer pagou US\$ 1,25 bilhão à empresa chinesa 3SBio pelos direitos de um medicamento contra o câncer, informa uma reportagem do The Wall Street Journal.

Não faz muito tempo, a China era um país atrasado em pesquisa farmacêutica. Suas empresas produziam ingredientes farmacêuticos ou medicamentos genéricos de baixo custo. Seus pacientes representavam uma oportunidade para as grandes farmacêuticas venderem medicamentos desenvolvidos no Ocidente.

Agora, o país é um importante ator na biotecnologia. Pesquisadores e startups na China estão em uma corrida para desenvolver novos medicamentos promissores para câncer, perda de peso e outras doenças. Muitos estão na vanguarda da biologia molecular.

"A China está impulsionando sua inovação a níveis nunca vistos antes", disse o CEO da Pfizer, Albert Bourla, ao WSJ. Buscando aproveitar a inovação, grandes farmacêuticas e investidores estão gastando bilhões para garantir os direitos de medicamentos promissores de origem chinesa, como o da 3SBio.

Ao todo, farmacêuticas ocidentais e japonesas realizaram 70 transações com empresas de biotecnologia chinesas no ano passado, pagando quase US\$ 5,6 bilhões adiantados para obter os direitos de moléculas promissoras, segundo a empresa de inteligência comercial farmacêutica Evaluate. Até agora, neste ano, as empresas gastaram quase US\$ 1,9 bilhão em 30 negócios.

Biotecnologia: prioridade nacional

A biotecnologia é uma das tecnologias avançadas que a China designou como prioridade nacional. Assim como a inteligência artificial e os veículos elétricos, a biotecnologia na China decolou nos últimos anos, e a pesquisa farmacêutica chinesa ameaça em breve ultrapassar a do Ocidente. Seu rápido progresso promete ajudar os pacientes. A China não só promete uma nova fonte de medicamentos que salvam vidas, mas também um fornecimento mais barato.

Seu avanço gerou preocupações de segurança nacional nos EUA. Legisladores e autoridades governamentais alertaram que os EUA poderiam perder uma grande e importante fonte de empregos e se tornar perigosamente dependentes do fornecimento de medicamentos da China, caso a inovação farmacêutica se transfira para o país.

Por outro lado, as farmacêuticas nos EUA, na Europa e no Japão enxergam um benefício mais prático: uma nova fonte de recursos. As farmacêuticas estão sob pressão para encontrar continuamente novos medicamentos que substituam os produtos mais antigos, cujas vendas caem quando a proteção de suas patentes expira. E encontrar medicamentos inovadores é difícil. Muitas pistas promissoras falham durante os testes. As empresas de **biotecnologia** chinesas estão agora preenchendo essas lacunas.

A Pfizer e outras empresas que buscam entrar no mercado em expansão de medicamentos para perda de peso, por exemplo, licenciaram os direitos de medicamentos GLP-1 que as empresas de biotecnologia chinesas desenvolveram rapidamente.

Da mesma forma, a China se tornou uma grande fornecedora de uma classe de tratamentos quimioterápicos de próxima geração, conhecidos como conjugados anticorpo-fármaco. "A maioria das empresas farmacêuticas americanas e europeias está buscando ativamente novos medicamentos na China", disse Paul Zhang, sócio da Bluestar BioAdvisors, que assessora fabricantes de medicamentos no mercado de biotecnologia chinês. "As coisas estão mais baratas e mais rápidas."

A China foi responsável por 30% do pipeline mundial de medicamentos experimentais no ano passado, segundo a McKinsey. No último outono (do hemisfério norte), a Gilead Sciences concordou em pagar US\$ 120 milhões adiantados à empresa de biotecnologia chinesa Pregene Biopharma, que pode testar rapidamente terapias conhecidas como CAR-T, como as que a Gilead está desenvolvendo.

"Embora busquemos inovação nos EUA e em todo o mundo, o que estamos vendo vindo da China é fundamentalmente diferente do que víamos há cinco anos", disse ao WST Andrew Dickinson, diretor financeiro da Gilead.

Potência científica

Esse progresso não é por acaso. A partir da década de 1980, o governo central chinês estabeleceu como

meta tornar o país uma superpotência científica em certas tecnologias, incluindo a biotecnologia. Para concretizar suas ambições, o governo investiu na construção de laboratórios de pesquisa e programas de doutorado.

Também criou um sistema regulatório que permite testes rápidos e aprovações mais ágeis de medicamentos candidatos, facilitando a inovação por parte dos pesquisadores farmacêuticos. Por exemplo, o governo estabeleceu um caminho para que os pesquisadores iniciem rapidamente os testes de medicamentos, em vez de terem que esperar os meses necessários para a aprovação no Ocidente.

Hoje, cidades como Xangai e Suzhou estão repletas de laboratórios e startups de biotecnologia. Lá, pesquisadores que não muito tempo atrás copiavam medicamentos ocidentais populares estão desenvolvendo tratamentos mais avançados. Algumas dessas startups têm executivos que estudaram e trabalharam nos EUA e também possuem laboratórios lá. Eles são auxiliados por uma indústria artesanal que ajuda a identificar alvos promissores e lucrativos para pesquisa.

Ferramentas prometem identificar falsificações feitas por IA, mas elas realmente funcionam?



Detectores de inteligência artificial são cada vez mais usados para verificar a veracidade de conteúdos online; testes apontam diversos vários pontos fortes, mas muitas fraquezas

Conteúdo gerado por inteligência artificial tornou-se tão realista que muitas vezes é impossível dizer se um vídeo ou uma imagem que circula nas redes sociais é verdadeiro ou falso.

Entram em cena os detectores de IA.

Mais de uma dúzia de ferramentas online afirmam conseguir diferenciar o que é real do que é gerado por IA ao procurar marcas d'água ocultas, erros de composição e outros indícios digitais.

A realidade é mais mista, segundo uma bateria de testes conduzida pelo The New York Times. Embora muitas ferramentas tenham se saído bem na detecção de alguns conteúdos de IA, elas não foram precisas o suficiente para oferecer total confiança aos usuários.

Os resultados sugerem que esses detectores podem ajudar a confirmar suspeitas sobre mídias geradas por IA, mas é difícil confiar em qualquer um deles para emitir conclusões definitivas. Isso cria novos desafios para usuários da **internet** e checadores de fatos que tentam lidar com a enxurrada de **falsificações** por IA que tomou as redes sociais nos últimos meses.

De modo geral, constatamos que qualquer conclusão tirada por essas ferramentas deve ser apoiada por outras formas de verificação, como detalhes em

fotografias oficiais ou reportagens jornalísticas.

Ainda assim, muitas pessoas veem essas ferramentas de detecção - que agora analisam não apenas imagens, mas também vídeos e áudios - como árbitros poderosos da verdade em um momento crucial, em que conteúdos gerados por IA se espalham pelas redes sociais e enganam usuários durante acontecimentos de última hora. As ferramentas estão sendo adotadas por bancos e seguradoras que tentam identificar fraudes com IA, por professores em busca de plágio e por investigadores online que tentam verificar imagens e vídeos que circulam nas redes.

- Você nunca vai ter uma ferramenta de detecção capaz de identificar com 100% de certeza se IA foi usada em texto, imagens, vídeo ou qualquer outro formato - diz Mike Perkins, professor da British University Vietnam que estudou detectores de IA e concluiu que detectores de texto eram pouco confiáveis. À medida que os geradores de IA melhoram, afirma, os detectores terão dificuldade para acompanhar, criando uma "corrida armamentista".

Nossos testes analisaram mais de uma dúzia de detectores de IA e chatbots capazes de identificar vídeos, áudios, músicas e imagens falsas, realizando mais de 1.000 análises ao todo.

Veja o que encontramos.

A maioria dos conteúdos falsos de IA que circula hoje na **internet** não exige muito esforço para ser criada: usuários podem digitar comandos simples e receber uma imagem ou vídeo realista de pessoas reais. Esse tipo de conteúdo inundou a **internet** logo após Nicolás Maduro, presidente deposto da Venezuela, ser preso em janeiro.

Para testar isso, pedimos ao ChatGPT, o chatbot de IA da OpenAI, que criasse uma fotografia de duas pessoas rindo. Ele produziu uma imagem realista que, ainda assim, continha vários indícios de geração por IA: a iluminação, a composição e os traços eram perfeitos demais, além de uma mão que parecia ondular de forma pouco natural.

Muitos detectores de IA identificaram rapidamente que a imagem era gerada por IA, com algumas ex-

ceções. O ChatGPT, por exemplo, não conseguiu detectar a imagem falsa que ele próprio havia criado momentos antes. (O Times processou a

OpenAI e sua parceira Microsoft, alegando violação de **direitos autorais** de conteúdo jornalístico

relacionado a sistemas de IA. OpenAI e Microsoft negaram as acusações.)

Detectores de IA geralmente são treinados com enormes coleções de conteúdos gerados por IA, aprendendo a identificar os sinais digitais deixados por essas ferramentas.

O Times compartilhou os resultados dos testes com as empresas de detectores de IA. Muitas responderam que nenhum detector será totalmente preciso o tempo todo. Como sinal da rapidez com que esse setor evolui, várias empresas disseram estar prestes a lançar atualizações importantes em seus modelos, que teriam melhor desempenho.

"Esta será uma batalha contínua para determinar 'isso é IA ou não?' no futuro próximo", escreveu Anatoly Kvitnitsky, CEO da AI or Not, em um e-mail. A empresa realizou testes adicionais com imagens que seu modelo público não conseguiu identificar e constatou que sua versão mais recente conseguiu classificá-las corretamente como geradas por IA.

Os detectores tiveram mais dificuldade com imagens como uma cena fictícia de um porto à beira-mar com poucos indícios de que foi criada por IA.

Isso pode ocorrer porque alguns detectores são treinados principalmente para identificar rostos, para uso em segurança e prevenção a fraudes.

Vídeos gerados por IA estão rapidamente se tornando a próxima grande ameaça nas redes sociais. O lançamento do Sora, um aplicativo gerador de vídeos por IA criado pela OpenAI, levou a uma onda de vídeos falsos nas redes - com poucos avisos por parte das plataformas indicando que eram falsos.

Apenas alguns detectores de IA são capazes de analisar vídeo e áudio. Aqueles que conseguiam apresentaram resultados mistos.

Vídeo e áudio surgiram como ameaças importantes para a segurança de empresas: imagine receber uma ligação de um CEO que, na verdade, é uma réplica de IA da voz dessa pessoa, ou participar de uma vi-

deoconferência com um personagem de IA que parece real. Empresas de detecção investiram muito dinheiro para identificar esse tipo de fraude, oferecendo ferramentas capazes de determinar se vídeo, áudio ou música foram gerados por IA, inclusive analisando transmissões ao vivo. Algumas análises destacavam quais partes de um vídeo eram falsas e quais eram consideradas reais.

Áudios gerados por IA avançaram rapidamente e se tornaram especialmente realistas.

Ferramentas como as da ElevenLabs criam vozes extremamente convincentes, com respirações, pausas e entonação dinâmica. Essas vozes são usadas em vídeos virais e memes, mas também em golpes telefônicos e imitações.

Sete dos detectores e chatbots que testamos conseguiam verificar áudio falso, e Sensity e Resemble.ai tiveram o melhor desempenho nesse aspecto. Mesmo quando o áudio estava bastante alterado, as ferramentas conseguiram concluir com alta confiança que as vozes ou músicas eram geradas por IA. Elas também identificaram corretamente vozes reais em nossos testes.

Um risco dos detectores de IA é classificar algo verdadeiro como falso, gerando confusão em notícias em desenvolvimento ou levantando dúvidas sobre imagens autênticas. Quando uma imagem chocante de um corpo carbonizado circulou nas redes sociais no início do conflito entre Israel e Hamas, alguns observadores a descartaram como uma **falsificação** por IA. Vários especialistas disseram que provavelmente era real, mas, até então, as dúvidas já haviam se espalhado.

No geral, os detectores tiveram melhor desempenho ao identificar imagens reais do que falsas.

Eles também se saíram bem ao analisar vídeos reais - como gravações feitas com iPhone ou reportagens baixadas da **internet**. Embora áudios gerados por IA tenham enganado alguns detectores, todos classificaram corretamente um vídeo de um repórter lendo um texto gerado por IA como sendo real.

Algumas **falsificações** por IA combinam conteúdo real com elementos gerados artificialmente para criar imagens ainda mais difíceis de identificar a olho nu. A Casa Branca, por exemplo, publicou uma imagem alterada de uma mulher que foi presa em Minneapolis no mês passado. A maioria dos detectores de IA considerou a imagem alterada como

Continuação: Ferramentas prometem identificar falsificações feitas por IA, mas elas realmente funcionam?

real.

Constatamos que a maioria dos detectores também não conseguiu identificar essas alterações em nossos testes.

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais	6,7,8
Inovação	4,5
Marco regulatório INPI	1,2
Propriedade Intelectual	3